

II. DOSSIÊ

O VEGETARIANISMO NA ANTIGUIDADE COMO CAMPO DE PESQUISA INTERDISCIPLINAR

Pedro Ribeiro Martins¹

A iniciativa da revista *Mare Nostrum* em organizar este dossiê temático corrobora o recente interesse de pesquisadores em compreender de maneira mais aprofundada e sistemática o fenômeno do vegetarianismo na Antiguidade. O leitor encontrará nestas páginas contribuições de acadêmicos e acadêmicas que dedicaram boa parte de suas trajetórias a compreender de que maneira os antigos lidaram com as diversas questões subjacentes à decisão consciente de se abster de carne animal. Este fenômeno foi chamado pelos gregos antigos, usualmente, de ἀποχή τῶν ἐμψύχων (abstinência de seres com almas),² e, modernamente, convencionou-se tratar pelo termo de vegetarianismo, apesar das diferenças entre o fenômeno antigo e o moderno.³

Os estudos sobre o vegetarianismo na Antiguidade situam-se necessariamente em um contexto multidisciplinar. Além da atuação de profissionais de campos tradicionais relacionados à Antiguidade como filólogos, historiadores, filósofos e arqueólogos, faz-se mister o intercâmbio de saberes com outros campos de estudos recentes, como os chamados *human-animal studies*, área que ressalta a importância da agência animal no desenvolvimento do processo histórico humano; a antropologia da alimentação, que investiga a produção de relações sociais intrínsecas ao ato alimentar; a ética animal que, desde os debates levantados por Peter Singer, discutem as fronteiras morais entre humanos e animais; e as ciências da religião, tendo em vista a ligação na Antiguidade do vegetarianismo com práticas ou cultos religiosos.

Diversas motivações foram levantadas pelos antigos para defender uma alimentação livre do componente animal. A busca por uma vida ascética e pela

¹ Professor de Língua e Literatura Grega da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: pedromartins@letras.ufrj.br.

² Alberto Bernabé discute brevemente a terminologia para o fenômeno do vegetarianismo usada pelos antigos em seu artigo para a *Mare Nostrum*.

³ Em seu artigo neste dossiê, Alexandra Kovacs discute o contexto moderno de criação do termo “vegetarianismo” no século XIX e o relaciona com a sua contraparte antiga.

purificação da alma estão presentes recorrentemente nas argumentações encontradas, assim como uma noção de que as almas humanas e animais possuem um parentesco comum. Registra-se também uma preocupação da prevenção da entrada de *daimones* no corpo humano por meio do consumo de carne. Além disso, debateu-se intensamente sobre a possibilidade de animais serem tratados com justiça ou não (Hausleiter, 1935, p. 1-3 *passim*; Dombrowski, 1984; Sorabji, 1993, p. 163, 174-175, 182, 184, 189; Clark, 2000, p. 8-19; Newmyer, 2013, p. 1-9, 72-73, 85-102; Osborne, 2009, p. 224-239; Larue, 2015).

De maneira geral, o pensamento ético em torno do vegetarianismo trata-se de uma confrontação à ideia de que não havia possibilidade de justiça entre animais, expressa primeiramente por Hesíodo em *Trabalhos e Dias* (v. 276-281):

Pois esta é a lei que aos homens impôs o filho de Cronos;
aos peixes, às feras e às aves determinou
que se devorassem uns aos outros, pois não há justiça entre eles;
aos homens, porém, concedeu ele a justiça que é de longe o melhor
dos bens; se alguém, pois, quer proclamar justas sentenças,
por conhecer a verdade, dá-lhe a felicidade Zeus de vasto olhar.

Esta diferenciação extremamente hierarquizada entre homens e animais é corroborada por Aristóteles (*Política* 1.8 1256b) e constituiu um olhar hegemônico entre os gregos de que os animais foram criados para os seres humanos, logo, não há possibilidade de extensão da justiça a eles (Dierauer, 1977, p. 100-151; Sorabji, 1993, p. 7-97; Martins, 2018, p. 1-13; Miszczyński neste dossiê). A presença de reflexões alternativas a esta visão tem seu início no século VI a.C. com as práticas órficas e pitagóricas e estende-se até à Escola Neoplatônica com Porfírio de Tiro no século III d.C. Trata-se de um pensamento minoritário, confinado a círculos filosóficos ou a elites e que não permeou o pensamento das camadas mais populares da Antiguidade, mas que manteve uma tradição ininterrupta por quase oitocentos anos. Alexandra Kovacs oferece, em seu artigo neste dossiê, um panorama sistemático das principais fontes antigas relacionadas ao tema, além do desenvolvimento da historiografia moderna que tratou do assunto. À guisa de introdução, oferecemos ao leitor um breve resumo desta rica tradição nas próximas linhas.

Atribuídos aos órficos, encontramos os primeiros testemunhos de uma abstenção intencional de carne (Platão *Leges* 6, 782C; Eurípides *Hippolitus* 952; Plutarco *Convivium septem sapientium* 16 159C). Alberto Bernabé, em seu artigo neste volume, discute as motivações deste grupo ressaltando a proibição do derramamento de sangue animal com o objetivo de purificar a alma humana.

A compreensão das doutrinas de Pitágoras e de seus seguidores constituem um desafio para o olhar moderno pela dificuldade de lidar com as fontes que tratam de suas ideias (Cornelli, 2013, p. 7-49). No entanto, um denominador comum de boa parte das fontes sobre as doutrinas pitagóricas é precisamente a defesa ou a refutação do vegetarianismo entre os seus seguidores (Hausleiter, 1935, p. 97-157; Zhmud, 2012, p. 233-238). Além do aspecto ascético da abstenção de carne, o vegetarianismo dos pitagóricos é recorrentemente associado à doutrina da transmigração das almas ou à noção de parentesco entre os seres vivos, seja de maneira irônica na comédia ateniense (Bernabé, 2014, p. 477-483) ou como parte fundamental da doutrina do sábio (fragmento de Xenófanes em Diógenes Laércio *Vitae* 8, 36; Jâmblico *De Vita Pythagorica* 107-109; Porfírio *Vit. Pyth.* 19; Sextus Empiricus *Adv.* 9.127.8; Cícero *Resp.* 3.11.19; Plutarco *De esu carnium* I 997E). Alberto Bernabé relaciona, no artigo escrito para este dossiê a doutrina da transmigração das almas a uma noção de solidariedade entre todos os seres animados, característica que ele também aponta no pensamento de Empédocles. Dierauer (1977, p. 18-19) sugere que a transmigração das almas tanto para Empédocles quanto para os Pitagóricos supunha uma ideia anterior de *parentesco dos seres vivos* (*Verwandtschaft der Wesen*).⁴ Esta perspectiva horizontalizante da relação entre humanos e animais constituirá a base da argumentação de filósofos posteriores, como Teofrasto e Porfírio, que não necessariamente invocam a doutrina da transmigração das almas como argumento para o vegetarianismo.

Dentro da Academia de Platão parece ter havido uma verdadeira divisão ideológica entre seus membros, especialmente depois da morte do mestre em 348/347 a.C. O filósofo Xenócrates, pupilo de Platão, teria escrito um tratado, segundo Clemente (*Stromata* 7.6.32.9), cujo título teria sido *Sobre a Alimentação de Origem Animal* (Περὶ τῆς ἀπὸ τῶν ζῴων τροφῆς), no qual

⁴ Balaudé (1997, p. 31) aponta na doutrina de Empédocles uma tentativa de conectar a noção de “parenté du vivant” com o vegetarianismo.

Xenócrates teria defendido que a alimentação baseada em carne seria inconveniente para o ser humano. Além disso, Xenócrates teria demonstrado uma posição claramente favorável à proteção animal segundo relata Plutarco (*De esu* I 996A) e Porfírio *De abstinentia* (4.22.2-5). Por outro lado, um outro membro contemporâneo a Xenócrates na Academia mantinha posições opostas, Heráclides Pôntico. Se aceitarmos a autoria de Heráclides Pôntico, atribuída por Porfírio, para as ideias descritas em *De Abstinentia* 1.13-26, chegaremos à conclusão de que no seio da instituição platônica teria havido um vívido debate em torno da ética animal e do modo de vida vegetariano. Inclusive, Heráclides Pôntico teria perdido a eleição para diretor da Academia para Xenócrates logo depois da morte de Espeusipo (Fr. Wehrli 9, *Academicorum philosophorum index Herculensis*) e não seria improvável que o tema da ética animal tivesse uma participação nesta campanha eleitoral (Hausleiter, 1935, p. 201-202; Martins, 2018, p. 73).

Alguns anos mais tarde, no Liceu aristotélico, uma divisão interna semelhante teria ocorrido, pois é clara a posição de Aristóteles (*Pol.* 1.8 1256b) quanto ao uso irrestrito dos animais pelos seres humanos. Menos explorada é a posição expressa por Teofrasto, seu sucessor no Liceu, no escrito fragmentário *Sobre a Piedade (De pietate)*.⁵ Neste tratado, transmitido por Porfírio (*De Abstinentia* 2.5-21), Teofrasto desenvolve uma arqueologia do sacrifício na qual defende que os primeiros sacrifícios feitos aos deuses teriam sido vegetais e que somente com o advento da fome e da guerra teriam sido iniciados sacrifícios com sangue. Numa tentativa de retorno aos moldes iniciais, Teofrasto defende uma reforma no sistema sacrificial de sua época, o século IV a.C., advogando o retorno do sacrifício vegetal em lugar do animal, o que pode indicar uma defesa do vegetarianismo dentro do contexto religioso do sacrifício na pólis. Além disso, Teofrasto teria desenvolvido, em sua teoria da *oikeiotes*, a doutrina proposta pelos Pitagóricos e por Empédocles de um *parentesco entre os seres vivos* e a libertado da conexão com a ideia de reencarnação, como defende Sorabji (1998, p. 220). Com esta noção, o sucessor de Aristóteles teria defendido que todos os seres vivos compartilham não só das mesmas características físicas, mas também psicológicas, pois suas almas são da mesma espécie e demonstram, em

⁵ Para mais detalhes da história da transmissão deste fragmento ver Bernays (1979); Fortenbaugh (2003, p. 12, 173-174) e Martins (2018, p. 100-102).

consequência, uma *Correlação das Paixões* (ἡ τῶν παθῶν οικειότης, *De Abstinentia* 3.25).

Em seguida, sobreviveram testemunhos de membros das escolas estoica e epicurista atacando posições vegetarianas ou pró-animalistas. Para os estoicos, os animais não participam no *logos*, portanto, não seria possível estender a justiça até eles (Plutarco *De sollertia* 964A; Porfírio *De Abstinentia* 1.4). Neste dossiê, Damian Mischczyński demonstra como, alguns séculos mais tarde, Plutarco polemizará com as teses estoicas, defendendo que os animais possuem sim um tipo de razão, mesmo que não seja em mesmo grau que os humanos. Já para os epicuristas, que inauguraram a noção de contrato social, é impossível estabelecer um pacto de justiça com os animais justamente por eles não compreenderem qual seria o papel deles neste acordo (Porfírio *De Abstinentia* 1.7-13).

Saindo do mundo grego e entrando na realidade romana, constata-se uma renascença do modo de vida vegetariano entre os membros da elite de Roma na virada do milênio. Este vegetarianismo teve ligação direta com a retomada de doutrinas pitagóricas e foi propagado especialmente pela Escola dos Sextii (di Paola, 2014, p. 327-339) contando com representantes tão célebres como Seneca na sua juventude (*Cartas a Lucílio* 108.17), além de possuir ecos nos discursos de Pitágoras no livro XV das *Metamorfoses* de Ovídio (Haussleiter 1935, p. 296-320; Martins, 2018, p. 81-92). Durante o período imperial, a voz de Plutarco ecoará reflexões sobre o modo de vida vegetariano. Seu tratado *Sobre o Consumo de Carne* (*De esu carnium*) é um manifesto pela abstinência de carne, enquanto o escrito *Sobre a Astúcia dos Animais* (*De sollertia animalium*) traz em forma de diálogo com as ideias estoicas o debate sobre a racionalidade dos animais. Damian Mischczyński, em seu artigo neste dossiê, discute detalhadamente os argumentos por meio dos quais se pode delinear uma teoria da justiça para os animais no pensamento de Plutarco. Foi também neste período que a misteriosa figura de Apolônio de Tiana, um defensor do modo de vida pitagórico e do vegetarianismo, terá tido destaque, especialmente pelos relatos posteriores de Filostrato em seu *Vida de Apolônio de Tiana* (Haussleiter, 1935, p. 299-313; Silva, 2013, p. 3).

Ainda sob a égide do Império Romano, o pupilo de Plotino, Porfírio escreverá o último grande livro da tradição grega sobre o tema do vegetarianismo.

O tratado *Sobre a Abstinência de Seres com Alma*, organizado em quatro livros e mais conhecido como *De Abstinentia*, foi escrito em estilo epistolar sendo o destinatário Firmo Castrício, amigo e colega de Porfírio da Escola Neoplatônica. Ao saber que Firmo havia deixado o estilo de vida vegetariano de lado, Porfírio usa esta oportunidade para escrever o que seria uma compilação das argumentações contrárias ao vegetarianismo (*De Abstinentia* 1.1-26) para, em seguida, oferecer suas argumentações em favor da abstenção de carne. No primeiro livro, Porfírio trata de explicar a necessidade do vegetarianismo para o filósofo com base na temperança e na pureza do corpo. No segundo livro, Porfírio instrumentaliza o testemunho de Teofrasto para recuperar a crítica ao sacrifício animal e a aprofunda defendendo que o verdadeiro sacrifício é o do *logos* e não o do sangue e da carne animal (*De Abstinentia* 2.34). O terceiro livro é dedicado majoritariamente à questão da extensão da justiça aos animais. Nele, Porfírio entra em diálogo com os estoicos, assim como fez Plutarco antes dele, e discute dois temas centrais para o pensamento vegetariano antigo: a racionalidade dos animais⁶ e a noção do parentesco entre humanos e animais (Dias, 2012; Oliveira, 2013; Martins, 2018, p. 135-198). Finalmente, o quarto livro oferece uma história comparada da abstenção de carne entre povos gregos e não-gregos configurando-se como um indício da translocalidade desta doutrina que teria sido cultivada por círculos intelectuais egípcios, persas, judeus e indianos. Cada vez mais faz-se necessário compreender a interação dos povos da Antiguidade como uma rede de trocas de informações e ideias. Johnson (2013) explora o papel de Porfírio como um “tradutor de culturas” e abre o caminho para as pesquisas sobre uma história global da abstenção de carne na Antiguidade. A contribuição de Cíntia Alfieri Gama-Rolland para este dossiê aponta nessa direção ao buscar na sociedade egípcia traços de uma alimentação expressamente vegetariana.

Mais importante, no entanto, do que apresentar em termos gerais as fontes mais importantes para o estudo deste fenômeno na Antiguidade é apontar possibilidades de pesquisa que envolvam estes testemunhos. A regularidade dos termos técnicos utilizados para definir o vegetariano, a recorrência das mesmas argumentações e as identificações de grupos pitagóricos com o vegetarianismo em diferentes fontes nos permitem dizer que a abstenção da carne produzia um

⁶ Para uma crítica à posição hegemônica de que Porfírio teria defendido que animais são racionais, ver Edwards (2014, p. 22-43).

sentimento de identidade entre os seus praticantes, como Alexandra Kovacs analisa em sua tese de doutorado que será publicada ainda em 2019. Esta ferramenta de análise de grupos traz uma dimensão sociológica ao tema que não deve mais ser negligenciada. Uma outra possível vertente de análise é o aspecto político da escolha deliberada de se abster de carne. Sabemos, por exemplo, que Seneca (*Cartas a Lucílio* 108.17) teria sofrido algum tipo de pressão política de seu pai para deixar o modo de vida vegetariano e as reformas no sistema sacrificial propostas por Teofrasto e por Porfírio teriam tido, sem dúvida, impacto dentro do contexto político de suas cidades. Por fim, a relação dos escritos discutidos acima com o surgimento da tradição cristã no começo da nossa era ainda é uma área de pesquisa a ser explorada.

A revista *Mare Nostrum* espera com este volume dar continuidade ao caminho já iniciado por outros colegas em âmbito luso-brasileiro. Algumas contribuições relevantes neste contexto de pesquisa foram a da revista *Archai*, volume 11 de 2013, na qual foi apresentado um dossiê temático com contribuições internacionais sobre as relações entre humanos e animais. Soma-se a esta iniciativa as coletâneas da Universidade de Coimbra *Contributos Para a História da Alimentação na Antiguidade e Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-mar* que contam, respectivamente, com contribuições de Paula Barata Dias (2012, p. 81-92) sobre o vegetarianismo em Porfírio e de Joaquim Pinheiro (2014, p. 359-370) em Plutarco. Além disso, Loraine Oliveira (2013, p. 39-52) buscou entender o vegetarianismo de Porfírio sob a ótica da ideia de “exercício espiritual” proposta por Pierre Hadot e Semíramis Corsi Silva (2014, p. 3) refletiu brevemente sobre o vegetarianismo na figura de Apolônio de Tiana. Esperamos que este volume seja somente mais um passo no aprofundamento do debate sobre este modo de vida tão relevante para os dias de hoje e que também deixou suas marcas na vida intelectual da Antiguidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Balaudé, Jean François. Parenté du vivant et végétarisme radical: Le “défi” d’Empédocle. In: Cassin, Barbara; Labarrière, Jean-Louis; Romeyer-Dherbey (eds). *L’Animal dans l’Antiquité*. Bibliothèque d’Histoire de la Philosophie: Nouvelle Série. Paris: Vrin, 1997.

- Bernabé, Alberto. Pitagóricos en la comedia griega. In: Martínez, A.; Fernández, B.; Ortega, V.; Velasco, H.; López, H. (orgs) *Ágalma. Ofrenda Desde La Filología Clásica a Manuel García Teijeiro*. Valladolid: Ediciones Universidad de Valladolid, 2014, p. 477–83.
- Bernays, Jacob. *Theophrastos' Schrift Über Frömmigkeit: Mit Bemerkungen Zu Porphyrios' Schrift Über Enthalttsamkeit*. Hildesheim: Olms, 1979.
- Burkert, Walter. *Lore and Science in Ancient Pythagoreanism*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1972.
- Clark, Gillian. *Porphyry: On Abstinence from Killing Animals*. New York: Cornell University Press, 2000.
- Cornelli, Gabrielle. *In Search of Pythagoreanism*. Berlin: De Gruyter, 2013.
- Di Paola, Omar. The philosophical thought of the School of the Sextii. *Epékeina. International Journal of Ontology, History and Critics*, 4(1-2), 2014, p. 327-339.
- Dias, Paula Barata. Em defesa do vegetarianismo: O lugar de Porfírio de Tiro na fundamentação ética da abstinência da carne dos animais. In: Soares, Carmen; Dias, Paula Barata (orgs) *Contributos Para a História da Alimentação na Antiguidade*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 81-92.
- Dierauer, Urs. *Tier Und Mensch Im Denken Der Antike: Studien Zur Tierpsychologie, Anthropologie Und Ethik*. Amsterdam: Grüner, 1977.
- Dombrowski, Daniel A. *The Philosophy of Vegetarianism*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1984.
- Edwards, G. Fay. Irrational animals in Porphyry's logical works: A problem for the consensus interpretation of *On Abstinence*. *Phronesis*, 59(1), 2014, p. 22-43.
- Fortenbaugh, William. *Theophrastean Studies*. Stuttgart: Steiner, 2003.
- Hausleiter, Johannes. *Der Vegetarismus in Der Antike*. Berlin: Töpelmann, 1935.
- Johnson, Aaron P. *Religion and Identity in Porphyry of Tyre: The Limits of Hellenism in Late Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- Kovacs, Alexandra. *Le Végétarisme dans l'Antiquité Grecque*. (Na prensa)
- Larue, Renan. *Le Végétarisme et Ses Ennemis: Vingt-cinq Siècles de Débats*. Paris: Presses Universitaires de France, 2015.
- Martins, Pedro Ribeiro. *Der Vegetarismus in der Antike im Streitgespräch: Porphyrios' Auseinandersetzungen mit der Schrift "Gegen die Vegetarier"*. Berlin: De Gruyter, 2018.
- Newmyer, Stephen. *Animals, Rights and Reason in Plutarch and Modern Ethics*. New York/London: Routledge, 2013.
- Oliveira, Loraine. Justificativas para o vegetarianismo em Porfírio de Tiro. In: *Cultura Helenística y Cristianismo Primitivo: Actualidades de Un (Des)Encuentro*. Santiago: Unesco, 2013, p. 39-52.
- Osborne, Catherine. *Dumb Beasts and Dead Philosophers: Humanity and the Humane in Ancient Philosophy and Literature*. Oxford: Clarendon Press, 2009.

Silva, S.C. O vegetarianismo do mago Apolônio de Tiana como exercício espiritual. *Philia*, v. 46, 2013, p. 3.

Singer, Peter. *Animal Liberation*. New York: Random House, 2015.

Sorabji, Richard. *Animal Minds and Human Morals: The Origins of the Western Debate*. New York: Cornell University Press, 1993.

_____. Is Theophrastus a significant philosopher? In: Ophuijsen, Johannes; Marlein, van Raalte. *Theophrastus: Reappraising the Sources*. New Brunswick: Transaction Publ., 1998.

Wehrli, Fritz. *Herakleides Pontikos*. Basel: Schwabe, 1969.

Zhmud, Leonid. *Pythagoras and the Early Pythagoreans*. Oxford: Oxford University Press, 2012.